

OURUBU

MULAMBÖ



Voa alto e pousa rente. Pousa alto e voa rente. O Ourubu invenção e inversão.

Mulambö retorce objetos por dentro, tira eles do lugar, recombina seus corpos com enxertos que os desequilibram de suas funções - como um hacker ou um vírus, reinventa seus lugares, magicaliza o que seria banal, desestabiliza as veredas da memória.

Nada é comum ou ordinário, tudo pode ser chave e signo para se ver além do tempo presente, da camada presente do real. Tudo pode ser voo de Ourubu! A resistência pelo brilho fixado na pele que reluz para além das muitas mortes acumuladas e escondidas sob o chão desta cidade do Rio de Janeiro.

O Ourubu é Carnaval e é também Walter Benjamin. É também anjo reverso. Morte dourada. O lixo que ele come é o das certezas históricas, marcadas pelo esquecimento e pelo apagamento de rastros. Os restos que Ourubu come não são só lamento e dor, são energia nova que se reverte no dourado de sua presença centrífuga e centrípeta - que projeta e recolhe memórias sob e dos objetos que o circundam.

Ao revirar o lixo, o descartado pela história, o Ourubu é um polinizador de histórias, de rostos, de gestos soterrados. Senhor de proa de uma escola de samba invisível mas incortornável, que está ao redor de todos nós enquanto andamos nas avenidas da grande cidade.

Por isso, mesmo no mais banal dos dias, olha pro alto, olha pro lado: o Ourubu está à espreita.

Felipe M. Bragança



Ourubu

Mulambö é um artista visual nascido em Saquarema, que tem as suas raízes fincadas em suas memórias, histórias e aprendizados relacionados com a sua família e o local onde cresceu e vive até hoje. A começar pelo seu nome artístico, que surgiu de uma lembrança de infância, na qual a sua mãe o chamava de “esmulambado”. Da mesma forma que ele se sujava com as suas brincadeiras, quis também associar o seu trabalho artístico com o ato lúdico de se “sujar” com as próprias tintas. O seu repertório tem generosas referências da sua ancestralidade, do mundo do samba, carnaval e histórias em quadrinhos. Contudo, o artista vem desenvolvendo os seus projetos sem perder de vista uma referência que costuma mencionar com frequência: “Faço arte para afirmar que não tem museu no mundo como a casa da nossa vó”.

Esta exposição começou a ser idealizada em 2019 para o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, local que se tornou um verdadeiro acolhedouro de muitas histórias e por isso, foi apenas uma questão de tempo para que as criações de Mulambö encontrassem um pouso sobre este espaço, após o período de isolamento social imposto pela pandemia de covid-19. Milhares de pessoas visitaram a exposição durante três meses e que agora, ganham um reforço na curadoria com Flavia Carmagnanis e Ana Paula Alves Ribeiro, para a Galeria Gustavo Schnoor, na UERJ.

Ourubu é um símbolo muito presente no trabalho do artista e para esta exposição, ele teve a oportunidade de desenvolver novas ideias para uma metáfora que transita entre a vida e a morte. Segundo ele, “Ourubu é que aquele de voa alto e come tudo”. A escultura do urubu dourado que ocupa toda a área central da galeria, foi criada em 2021, para um evento no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com a colaboração dos artistas Adriano Zerbone, Leandro Assis e Max Muller, no barracão da Unidos de Vila Isabel. Ao seu redor, são exibidas outras obras que amarram um conceito sobre as pessoas apagadas da história, mas de extrema importância para os sistemas que fazem parte dela.

Ao contrário da associação normalmente feita entre os urubus e os lixões, matadouros e locais em que há lixo disperso, Mulambö utiliza recursos que remetem à renovação e ao reconhecimento, ao individual e ao coletivo. Apresentado em partes da sua anatomia, o Ourubu pode ser observado a partir de uma leitura poética do artista, como nas obras: Bico (conjunto de foices transformadas em bicos de urubu); Estômago (que remete a uma indumentária sacra) e Garra (botas de couro transformadas em garras do pássaro). Em contraponto, bandos de urubus são exibidos no díptico Chão e também, na bandeira bordada com elementos em círculo, batizada de Sol.

A exposição Ourubu foi concebida para ser observada sob vários ângulos, dos detalhes às grandes dimensões e provocar o visitante a interagir com o espaço que evoca um voo livre para vida.

Marco Antonio Teobaldo
curador



Anatomia de uma obra e seus movimentos

Ourubu pousa na UERJ.

Com uma obra que aponta para uma leitura acurada do país e ao mesmo tempo apresenta elementos do Rio de Janeiro, Mulambô aciona um repertório visual preto, reinventando e ressignificando mundos a partir de signos marcantes: a infância e a ancestralidade, as escolas de samba e o carnaval, o futebol, os fluxos das águas, as existências cotidianas (belas e tensionadas). A presença do preto e do vermelho, do amarelo dourado, as nuances entre o branco e a prata e sua relação com a luz nos contam histórias do povo e de seus poetas em toda sua corporalidade e movimentos.

E que movimentos. Em Ourubu estes movimentos são muitos e ao mesmo tempo um, como um único corpo. Seus voos possibilitam olhar e ver, do alto e panoramicamente, grandes movimentos da vida e todas as suas transformações e mudanças. Uma espécie de velho guardião que, quando pousa, mantém o olhar e um corpo pronto para o combate, mas também para o repouso: um próximo voo, a escuta, a observação permanente e atenta. Aqui, nada é uma coisa só, nada tem um único significado.

O que contam os lugares por onde passam as obras? A escultura que marca esta exposição foi realizada no barracão da escola de samba Vila Isabel para o Arte Core 21, assenta no Instituto dos Pretos Novos, em 2022, em exposição com curadoria de Marco Antonio Teobaldo. E pousa agora no campus Maracanã, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde passará o verão, primeiro explorando o espaço e seus trânsitos, no hall dos elevadores, ouvindo, ouvindo e observando, os fluxos e o silêncio, até mover-se e pousar, agora na Galeria Schnoor.

Em Ourubu, se o que reluz é a presença grandiosa e alegórica de um pássaro dourado, a exposição aponta para o que a compõe – seja o voo coletivo em uma dança, seja a anatomia, afiada e múltipla, da sua existência.

Ana Paula Alves Ribeiro

Curadoria



ENQUANTO EXISTIR DEUS NO CÉU URUBU NÃO COME FOLHA

Uma ave que reluz, gera reflexões e remete às contradições da contemporaneidade.

Na exposição Ourubu, o animal, que no nosso imaginário é associado a lixões, carniça e morte, é ressignificado e transformado numa grande escultura dourada, pelo artista Mulambö. Suas partes, o bico, as garras, o estômago, são decompostas e recompostas simbolicamente, são re-imaginadas poeticamente pelo artista.

Lixo ou ouro, depende do ponto de vista. De ave renegada à criatura quase mítica. O poder da simbolização do imaginário, da renegociação de sentidos, fica claro aqui.

Mulambö chama a atenção pela maneira como utiliza a linguagem e ressignifica termos, antes vistos negativamente, agora dotados de potência. Apropriação e subversão linguística, para pensarmos como a linguagem e as palavras têm força de transformação e como podemos repensar toda configuração de sentidos e imaginários sociais.

Para além das palavras, o artista também se apropria de materiais vistos como lixo, como o papelão, por exemplo. Como ele mesmo diz, o seu processo de trabalho é sobre restituição, retomada e resistência.

Arte e política têm uma relação intrínseca e no trabalho de Mulambö essa relação é evidente. Como artista periférico, ele propõe alternativas às narrativas e práticas artísticas hegemônicas. No seu trabalho percebe-se grande capacidade e desejo de diálogo, sendo capaz de conjugar a dimensão sócio-política à dimensão subjetiva e pessoal.

O Ourubu, que é inquieto e está sempre em movimento, assim como as palavras e a linguagem, que estão sempre em mutação, alçou vôo do Instituto dos Pretos Novos, onde estava pousado em 2022, para a Galeria Gustavo Schnoor, da Uerj, não à toa dois pólos de resistência e singularização anti-hegemônica da cidade.

Flávia Carmagnanis

Reitor

Vice-Reitoria

Pró-reitoria de Extensão e Cultura
Cláudia Gonçalves de Lima

Diretor do Departamento Cultural
Professor Adair Leonardo Rocha

Coordenador de Exposições
Diogo dos Santos Bessa

Comunicação Social
Rosane A. Fernandez
Ana Carolina Jacuá
Daniela Gregório (voluntária)
Graziele Silva (bolsista revisão)
Luane Teixeira (voluntária)
Thayná Alves (bolsista)

Programação Visual

Ana Cristina Almeida
Henrique Barone
Rafael Inocêncio (bolsista extensão)

Produção Cultural
Rafael Ferezin

Cenografia
Rejane Manhães
Caetano Araujo (bolsista extensão)

Arte-educação
Patricia Chiavazzoli
Flávia Carmagnanis
Mariana Gon (bolsista extensão)
Monique Araújo (bolsista extensão)

Iluminação
Caetano Araujo
Carla Fionda

Técnico de áudio e vídeo
Pablo Rocha

Bolsistas
Andrea Almeida
Andressa Abbagliato
Antônia Luiza D'Aquino
Mendes (voluntária)
Carla Fionda
Clara Maria Pinsard Mayrink
Isaac Nicacio (PIBIC)
Kássia Meireles
Mariana Perluche
Marina Garcia
Nathan Moura
Renan Henrique Carvalho
Verônica Folla
Serviço de Apoio Administrativo
Patricia Chiavazzoli
Angélica Corrêa
Bernardo Abreu

Parceria



Realização



Apoio

